VANESSA RODRIGUES SILVA, AMOR IMPOSSÍVEL 2004, ACRÍLICA SOBRE TELA

PONTO DE VISTA

Economia excêntrica

A relação entre economia e moral, ou entre natureza e cultura, ou a origem da moralidade é tema de controvérsia há séculos. Mesclando teses acadêmicas com linguagem coloquial própria da divulgação científica de massa, *Freakonomics* tornou-se um livro disputado em alguns círculos críticos. O artigo apresenta algumas das razões pelas quais este livro e suas idéias podem ter algo a nos dizer sobre aquela relação.

por **Julio Daio Borges** DIGESTIVO CULTURAL

Para o leitor eventualmente não familiarizado, *Freakonomics* é um dos maiores *best-sellers* do momento no Brasil e nos Estados Unidos. Desde seu lançamento, em 2005, o livro é o resultado do encontro entre um economista de Chicago, Steven D. Levitt, e um jorna-

lista de Nova York, Stephen J. Dubner. Devido a essa dupla paternidade, acabou mesclando teses econômicas controversas com um texto fluido, próprio de uma linguagem popular de divulgação científica.

Como qualquer *best-seller*, as ra-

zões que justificam seu sucesso são muitas vezes desconhecidas, ou simplesmente fortuitas. Esse gênero, aliás, vem despertando a atenção do público. Só no ano passado, vários títulos foram lançados, como a *Breve história de quase tudo*, do norte-americano Bill Bryson, que

aborda, de “forma suave”, como se diz, fatos complexos como a origem do Universo.

No entanto, o que faria, sensacionalismo à parte, de *Freakonomics* um livro digno de ser discutido? Por que se gerou em torno dele, sobretudo entre os especialistas das ciências sociais aplicadas, uma polêmica curiosa? Simplesmente porque o livro atinge um ponto que é o calcanhar-de-aquiles de nossa sensibilidade atual: o valor das teses econômicas. Mais exatamente, ele toca na crença consolidada de que a economia nem sempre nos conduz na direção que desejamos.

Relativizando a crítica. É fato que *Freakonomics* não se pretende uma longa tese, nem em economia, nem, muito menos, em sociologia. Mas é também verdade que o livro não deve ser tomado tão a sério como tem sido. Em 2003, Levitt, o economista por trás de *Freakonomics*, já havia se confessado ruim em matemática, fraco em econometria e não lá muito chegado em “teoria”.

Ao mesmo tempo, tem sido “vítima” de um complô para entronizá-lo como o mais novo gênio da economia moderna. Tomando por base considerações de acadêmicos que são seus colegas e até a John Bates Clark Medal – concedida a economistas de destaque com menos de 40 anos (conferida a ele com 35). Não é menos relevante a coincidência de vir da Universidade de Chicago, tradicional celeiro de Prêmios Nobel.

O fato é que a refutação rigorosa – ponto por ponto – de *Freakonomics*,

Qualquer pesquisa breve sobre *Freakonomics* acabaria mostrando que quase todas as teses do economista Steven D. Levitt já estavam disponíveis antes mesmo de o livro ficar pronto. Portanto, elas já haviam sido contestadas e refutadas. Em suma, postas à prova.

como tem sido feita na imprensa daqui, não faz o menor sentido (refutar as teses de Steven D. Levitt, sim, talvez fizesse algum sentido). Entretanto, analisar a trajetória de *Freakonomics*, o livro, e até algumas de suas “polêmicas teses”, digamos assim, pode revelar-se mais útil.

Sua leitura, por alguém razoavelmente bem informado, fica mais como uma provocação ao “senso comum” do que como um novo paradigma que vai provocar revoluções e revirar pontos de vista. A reação emocional – tanto a muito positiva quanto a muito negativa –, no caso de *Freakonomics*, não se aplica.

Voltado às origens. A história do livro se confunde com a personalidade do próprio Steven D. Levitt, seu autor. Economista formado por Harvard, atualmente radicado na Universidade de Chicago, Levitt tornou-se conhecido em todos os Estados Unidos por meio de um perfil de Stephen J. Dubner – o jornalista co-autor de *Freakonomics* –, que já editou a revista dominical do *The New York Times* e hoje é seu colaborador. O perfil, de 2003, tem algo de premonitório, elevando Levitt às alturas, com adjetivos como “genial” e com

descrições pormenorizadas de seu comportamento “excêntrico” – enriquecidas com depoimentos favoráveis ou, ao menos, simpáticos, de seus pares e familiares.

Vale ressaltar que “*freakonomics*”, um termo inventado pela irmã de Levitt, foi traduzido aqui como “economia excêntrica”. Vale lembrar, ainda, que o bordão sempre associado ao livro (e a seu autor) – de “fazer as perguntas certas” (e de obter respostas inesperadas) – aproxima Levitt de sujeitos como Albert Einstein, cuja teoria da relatividade teria nascido de sua resistência quase infantil em aceitar conceitos como os de espaço e tempo.

Criador e criatura. O premonitório perfil de Dubner sobre Levitt para o *New York Times* permeia o próprio *Freakonomics*. Um trecho dele antecede cada capítulo do livro, como que para coroar a imagem de “gênio” antes mesmo que se passe às famigeradas perguntas, às respostas, à argumentação e à conclusão, “economicamente excêntrica”, de cada tópico: “O que os professores e os lutadores de sumô têm em comum?”; “Em que a Ku Klux Klan se parece com um grupo de corretores de imóveis?”; “Por

que os traficantes continuam morando com as mães?"; "Onde foram parar todos os criminosos?"; "O que faz um pai ser perfeito?"; "Uma Roshanda seria tão doce se tivesse outro nome?". Estas são as seis partes da edição brasileira, que tem 254 páginas, editada pela Campus.

Para o espanto da audiência – ou para aqueles que, depois de tantas resenhas do volume, nem se espantam mais –, Levitt e Dubner respondem: os professores e os lutadores de sumô têm em comum o fato de trapacearem: os primeiros, em uma espécie de provão norte-americano, cujo mau resultado pode acarretar demissões; os segundos,

em competições nacionais no Japão, quando um resultado inicialmente desfavorável pode servir de moeda de troca no final do campeonato.

Já a Ku Klux Klan e os corretores de imóveis têm em comum o fato de se basearem no monopólio da informação: a primeira foi desmoralizada por ter seus segredos revelados em um programa infantil de rádio; e os segundos, de acordo com os autores, fazem melhor uso dos dados de que dispõem quando, obviamente, para uso próprio. Já os traficantes continuam morando com suas mães porque – pelo levantamento de Levitt & Dubner –, se não são chefões da

droga, ganham mal e não têm como se sustentar.

E a criminalidade diminuiu, nos anos de 1990 – segundo o livro –, porque nos anos de 1970 foi aprovada uma lei em favor do aborto na maior parte dos estados norte-americanos, depois de um caso rumoroso – e não porque a polícia se aparelhou melhor, foi mais bem treinada, nem porque foram implementadas políticas como a de “tolerância zero” (palavras de Levitt e Dubner). Agora, o que faz um pai perfeito é mais a natureza (o pai é, portanto, o que o filho herda) do que a criação (o que o pai faz, e que, portanto, o filho nem sempre tem

condição de aproveitar). Por último, avisam Levitt e Dubner, os nomes não têm qualquer importância no sucesso de uma pessoa, porque os mesmos passam, assim como as modas, de uma classe social a outra.

Ausência de unidade. O que salta aos olhos, mais do que as perguntas (e as respostas) aparentemente desconstruídas, é a ausência de um tema unificador ao livro. *Freakonomics* segue, da primeira à última página, sem uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão que amarrar tudo. Como se, assim, os autores quisessem apenas provocar terremotos, mas jamais se responsabilizar pelos estragos e, logicamente, pela falta de nexos causais.

O volume tenta se justificar, aliás, por meio da transcrição de mais um trecho do perfil de Dubner sobre Levitt, no qual se conta a introdução do jovem acadêmico na Society of Fellows de Harvard: sabatinado por “filósofos, cientistas e historiadores” – e à procura de uma bolsa que subsidiasse seus trabalhos de pesquisa por três anos –, Steven D. Levitt, depois de várias respostas inconclusas, se viu salvo por Robert Nozick, um eminente intelectual que então profetizou a seu favor: “Ele tem 26 anos [o ano era 1994]. Por que precisaria de um tema unificador? Talvez se trate de uma dessas pessoas com talento o bastante para dispensar um tema”.

Na realidade, qualquer pesquisa na Internet sobre *Freakonomics* acabaria mostrando que quase to-

Para os autores de *Freakonomics*, a sabedoria convencional tem um apelo irresistível quando fazemos as perguntas que ninguém faz, mas, por isso mesmo, ela pode estar redondamente enganada.

das as teses do economista Steven D. Levitt já estavam disponíveis antes mesmo de o livro ficar pronto. Portanto, elas já haviam sido contestadas e refutadas. Em suma, postas à prova. A grande inovação, por assim dizer, teria sido reunir sua essência em um único livro de divulgação, tornando tanto as perguntas inusitadas quanto as respostas pouco convencionais compreensíveis por qualquer leitor alfabetizado. E o mérito seria do jornalista Stephen J. Dubner.

No longínquo encontro de 2003, ele já havia astutamente percebido que, muito longe de ser o *nerd* de seus *papers* controversos, Levitt poderia se transformar em um poço de *insights* (e de “achados”) para o *mainstream* de leitores. Afinal, quem não se espantaria com descobertas, tais como a de que os professores são trapaceiros; os corretores, e os detentores da informação em geral, trabalham *contra* seu público; os traficantes *ainda vivem* com suas “mamães”; a criminalidade vem diminuindo *por causa* do aborto; e que ser bom pai tem *pouco a ver* com criação? Aí estava o caminho para o *best-seller* e para a consagração; e aí residiria toda a superficialidade, e frenesi, em torno de *Freakonomics*.

Guerra ao *mainstream*. Além da notória acusação de argumentação insuficiente, permeando as provocações de *Freakonomics*, Steven D. Levitt e Stephen J. Dubner têm sido combatidos especialmente por sua incorreção política. Ninguém quer simplesmente aceitar que a legalização do aborto guarda alguma relação com a queda da criminalidade. Pelo lado da esquerda, porque isso reforçaria as soluções-limite, como, por exemplo, a da pena de morte; e pelo lado da direita porque, sob influência religiosa, principalmente nos Estados Unidos, ela jamais abriria mão de sua posição “pró-vida” (e contra o feminismo).

Ninguém quer acreditar também que a natureza (*nature*) possa pesar mais do que a criação (*nurture*) na educação dos filhos. Ainda mais depois de décadas de behaviorismo (que o diga Steven Pinker, citado no livro). Por último, quem são Levitt e Dubner para desqualificar a classe dos educadores – e insinuar que professores do equivalente ao ensino médio, nos EUA, falsificariam resultados de exames a seu favor? E quem são, finalmente, os autores de *Freakonomics* para concluir que especialistas, em sua maioria, usam negligentemente informações privilegiadas, sem qualquer

responsabilidade para com o público?

Para essas e outras objeções, Levitt e Dubner têm basicamente dois tipos de resposta. Primeiro tipo: são eminentemente contra o que se chama de “sabedoria convencional” (*conventional wisdom*), termo cunhado por outro economista de renome, John Kenneth Galbraith. Para eles, a sabedoria convencional tem um apelo irresistível quando fazemos as perguntas que ninguém

faz, mas, por isso mesmo, ela pode estar redondamente enganada. Esse tipo de sabedoria – por ser justamente “convencional” – dificilmente nos levaria a achar uma resposta difícil de ser encontrada.

Segundo ponto, que permite a Levitt e Dubner defender acirradamente sua posição: eles não são moralistas. Levitt inclusive declarou – naquele famoso perfil de 2003 – ser “apolítico”. Segundo os autores de *Freakonomics*, a mora-

lidade, a nossa inclinação moral, nos levaria a procurar respostas que *devem* ser verdadeiras – mais porque gostamos delas, e gostaríamos que fossem verdade, do que porque realmente elas o sejam. A moral, em resumo, nos diz como gostaríamos que o mundo fosse, mas a economia – de acordo com Steven D. Levitt e Stephen J. Dubner – nos diz como o mundo é. E ponto.

Soa definitivo, mas nada deve soar muito definitivo em *Freakonomics* – e essa é a chave para aproveitar o livro da melhor forma. *Freakonomics*, no limite, não prova nada e nem vai mudar o mundo. Mas pode servir como antídoto à nossa eterna falta de solução para os mesmos velhos problemas.

Freakonomics não é dogmático, não tem nenhuma ideologia por trás e apenas mostra que as estatísticas, os números e a economia em si podem nos revelar uma realidade dura de aceitar. Mas necessária. Claro, Steven D. Levitt não vai ganhar o Nobel – ou, pelo menos, espera-se que não, não por esse livro –, e Stephen J. Dubner não vai passar de um hábil jornalista, que soube “traduzir” as idéias do economista para o grande público. *Freakonomics* talvez seja mesmo uma moda passageira, mas as polêmicas e os questionamentos em torno do “senso comum”, em tempos de tão pouca discussão de idéias, já estão valendo a pena.

Julio Daio Borges
 Editor do *Digestivo Cultural*
 E-mail: j.d.borges@digestivocultural.com